



Oficinas de Ervas Medicadas – conexões e desconexões do feminino na agroecologia

IX Brazilian Congress of Agroecology – Belém, Pará – Brazil, 2015

Workshop of Medicated Herbs – connections and disconnections of female and agroecology

MUDREK, Camila¹; BEZERRA, Islândia²;

1. Universidade Federal do Paraná/UFPR. c.mudrek@gmail.com 2. Universidade Federal do Paraná/UFPR. islandiabc@gmail.com

Resumo: Desde os pilares da ciência ocidental, dos princípios que fundam a civilização industrial, foram produzidas normas e estruturas que deslegitimam e marginalizam as concepções do feminino e seus significados. Desta forma, mulher e natureza são sujeitos subjugados a partir das mesmas bases mútuas de dominação e exploração; entendidas como matérias subservientes à reprodução, ambas enfrentam problemas que se entrelaçam numa complexa rede de relações, sejam estas sociais, sejam estas ecológicas, porém ambas em crise. A experiência com mulheres "erveiras" busca retomar o real valor de conhecimentos mantidos tradicionalmente entre mulheres do campo, bruxas, agricultoras, benzedeiros/rezadeiras/curandeiras, cuidadoras, que simbolizam a resistência aos valores da cultura patriarcal. As oficinas realizadas por nós pretenderam retomar e visibilizar o papel central que estas vivências têm, enquanto estratégias, práticas de construir uma multiplicidade não-hierárquica a ser reconhecida por nossa cultura. Assim, para não concluir, os apontamentos aqui expostos apenas sinalizam alguns dos caminhos que já foram percorridos e outros que virão.

Palavras-Chave: mulheres; ecofeminismo construtivista; feminismo; ecologia; sustentabilidade.

Abstract: Since the pillars of Western science, the principles that support industrial civilization, norms and structures that undermine and marginalize female conceptions and their meanings were produced. Thus, woman and nature are subject underestimated from the same mutual bases of domination and exploitation; understood as materials of reproduction, both faces problems that are intertwined in a complex network of relationships, being they social, being they ecological, but both in crisis. The experience with women "erveiras" resumes the real value of retained knowledge traditionally among rural women, witches, farmers, healers / mourners / healers, caregivers, who symbolize resistance to the values of patriarchal culture. The workshops held by us intended to resume and visualize the central role that these experiences have as strategies, practices to build a non-hierarchical multiplicity to be recognized for our culture. So as not to complete the notes shown here only indicate some of the paths that have been traveled and more to come.

Keywords: women; ecofeminism constructivist; feminism; ecology; sustainability.

Contexto



Inserida em ambiente acadêmico, a Teoria Feminista representa um marco, uma virada epistemológica que traz voz a sujeitos antes silenciados pelos cânones científicos da racionalidade. Os antagonismos colocados pela ordem científica racional e cartesiana compreendem visões dicotômicas, tais como: homem/mulher, cultura/natureza, progressista/tradicional, racional/irracional. Tal contexto inserido; em uma simplificação lógica que hierarquiza os saberes que transitarium nesses “dois mundos”.

Deste modo, podemos afirmar que os antagonismos fundadores de culturas patriarcais são interdependentes e movidos pela mesma dinâmica – a dominação e a exploração. Esta simplificação lógica empobrece e homogeniza as percepções sobre categorias (tais como: indivíduo, gênero e espécie) colocadas em hierarquia permanente.

Entendendo que as avaliações culturais desvalorizam explicitamente as mulheres, a natureza e suas tarefas sociais impostas (reprodução e cuidado), a virada Ecofeminista, da linha construtivista, busca traduzir uma ética que comportaria uma multiplicidade mais ampla, respondendo a um caráter dinâmico das relações de identidade, bem como das percepções frente à natureza enquanto sujeito e suas significações positivas frente a uma produtividade viva, que não atende apenas ao preço de mercado, mas ao valor da sua existência.

Assim, a partir de uma visão crítica aos valores culturais, econômicos e sociais, seria possível revertermos percepções simplistas que circulam mulheres e natureza enquanto mantedoras de condições naturais de criação/reprodução, e homens e cultura como portadores da criatividade externa de produção de tecnologias e transcendentais do tradicional/ultrapassado.

Para 2015, outras oportunidades de encontro surgiram em espaços ainda mais crítico-reflexivo como a 14ª Jornada de Agroecologia, em Irati/PR. Dentre os momentos mais marcantes das oficinas, tivemos a compreensão dos reais alcances coletivos e plurais dos resultados obtidos individualmente na relação de empoderamento entre mulheres e plantas medicinais, especialmente quando inseridas em um contexto agroecológico.

Descrição da experiência

As Oficinas de Ervas Medicinais ou Medicadas pretenderam, primeiramente, entender a empatia própria desenvolvida por mulheres com a natureza e problematizar esta mesma construção, de tal forma que “Mulheres” e “ecologia” não são sinônimos. No entanto, como para outros aspectos de identidades de gênero, a realidade nos mostra muitos indivíduos, mas



também as tendências associadas com a socialização e as atitudes em determinadas tarefas. A população feminina não tem, normalmente, acesso a armas e tem sido tradicionalmente responsável pelas tarefas de cuidar da vida mais frágil (meninos / as, idosos e doentes) e manutenção da infra-estrutura física doméstica (cozinha vestuário, etc.), o desenvolvimento, em termos estatísticos, a expressão "relacional", atenta para os outros e aumento da emoção subjetividade. Quando esses recursos se combinam para uma informação adequada e saudável desconfiada do discurso hegemônico, existem as condições para você despertar interesse em ecologia" (PULEO, 2009).

Como metodologia, empregou-se nos encontros a "roda de conversa" de modo que as mulheres participavam no momento que queriam/sentiam à vontade para fazê-lo. A escolha por esta técnica diz respeito à sua capacidade de interagir e, principalmente, compreender a si mesmas enquanto sujeitos individual e coletivamente.

As atividades aqui descritas foram desenvolvidas a partir de estudos relacionados ao Ecofeminismo, apresentadas pela primeira vez em um Mini-Curso de quatro dias, ministrado no III CEPIAL (Congresso de Cultura e Educação para Integração da América Latina), no ano de 2012, tendo seu aprofundamento em 2013 e 2014, quando foram colocadas em prática, primeiramente, em ambientes de afinidade (entre amigas, parentes e conhecidas) no formato de troca de saberes. Após alguns encontros também tivemos inserção em comunidades de agricultoras agroecológicas na região Centro-Sul do Paraná (Inácio Martins, Bituva, Teixeira Soares, São Sebastião, entre outras).

Cada oficina durou aproximadamente duas a três horas, tempo considerado insuficiente considerando toda a problematização desenvolvida. No entanto, pode-se perceber o despertar de reconexão em todas as falas das participantes, sempre ressaltando "desde que comecei a fazer meus chás, tenho tratado meus filhos com menos remédios", "faço tinturas a tanto tempo, já juntei minhas comadres pra trocar receitas muitas vezes" ou ainda "sim, minha avó sempre dizia isso". Ou também, quando instigadas a dar continuidade com o conhecimento das ervas, e assunto relacionados ao feminismo e libertação da mulher, muitas se reconheciam e ressaltavam comentários como "podemos conversar com nossas vizinhas sobre isso", "tenho um espaço de terra vazio e casa, quero plantar mais coisinhas". Essas falas marcam um propósito de envolvimento, uma percepção de si mesmas e uma reavaliação de seus trabalhos e conhecimentos.

Resultados



Dentro do que foi possível observar, o contato com as Ervas Medicinais pode significar uma ruptura com esses destinos desvalorizados ao dar força para os significados reais que as Ervas e sua manipulação tem na vida de determinadas mulheres. Ao invertemos os processos de (des)valorização e reforçarmos a importância deste contato para o autoconhecimento e a autonomia que ele pode significar na vida delas, foi criado um novo mundo de percepção delas mesmas e de suas potências.

Para estudar o uso das Ervas é - extremamente necessário - o conhecimento de si mesma, de seus limites, dos limites de seu corpo, dos efeitos e não-efeitos que podem produzir os chás, as ervas, as tinturas, os óleos, as pomadas e toda infinidade de medicinais criadas a partir de plantas. Dentro da medicina ocidental este valor é completamente apagado. No plano cartesiano e da divisão do trabalho, delegamos a outro (ginecologista, endocrinologista, etc) o salvaguardar de nossos corpos, de nossa saúde. Acabamos por nos desligar de nós mesmas, em troca de uma confiança cega em diplomas de formação que, muitas vezes, não dão conta da multiplicidade de efeitos que nossos corpos produzem.

Não queremos com isso invalidar toda a capacidade e, muitas vezes, necessidade que temos em recorrer aos médicos, aos remédios, as cirurgias. O que o conhecimento tradicional sobre as Ervas tem para contribuir com nossas vidas é, infinitamente, o autoconhecimento que vem, necessariamente, junto com estas experiências. Mais que isso, dentro de comunidades camponesas, representa uma autonomia frente à indústria farmacêutica, assim como produz uma profunda reflexão quanto ao auto-cuidado, quanto às significações do que ingerimos – seja nossa comida, sejam nossas medicinais. Bem como entender que a natureza não é apenas mais uma parte do domínio utilitário verticalizado que rege as relações de cura dentro da medicina ocidental, mas que podemos entendê-la enquanto um sujeito – percepção esta que nos permite deslocar para o campo social as noções de razões da subordinação. Deste ponto de vista, nessa nova perspectiva, começamos a ver como nossas relações com o outro refletem-se em nossas relações com o mundo natural “O homem, num domínio de identidades e relacionamentos muito ampliado, deve participar da vida, ao invés de excluir-se para dominar (...) Através das palavras feminino e masculino, que usamos para designar dois polos do comportamento humano, fazemos de nossa sexualidade uma fonte de separação. Dividimos a nós mesmos com um limite invisível entre aquilo que chamamos Natureza e o que acreditamos ser superior à Natureza” (CIOMMO, 1999).



Regina Célia Di Ciommo também retoma sociólogos como Habermas e Marcuse para marcar a necessidade de “criarmos sementes de um outro olhar de ciência, de um outro agir com a técnica, mas também de um novo corpus de sentidos e de sentimentos, outras categorias de significação e mesmo de interesse. Trazer o mundo da natureza para a subjetividade, outras sensibilidades participariam conosco de uma rede de comunicação afim de desenvolver uma ética pautada na reciprocidade não-hierárquica.”

Para concluir, nos sentimos seguras em afirmar que realizar conexões entre o feminismo e ecologia nos capacita a dar um passo para fora do mundo dualístico e binário no qual nascemos.

Agradecimentos

Agradecemos a todas que se dispuseram a compartilhar seus saberes, “engrossar o caldo” e fortalecer a resistência aos cânones da produção de conhecimento. Agradecemos a toda benza, toda reza, toda proteção que nos dedicaram em cada passo que demos rumo a construção de ‘un otro mundo possible’. Agradecemos as mulheres que abriram suas casas para nos encher de receitas, chás reconfortantes e troca de experiências fortificantes. Somos gratas a cada uma que nos acompanha nesta caminhada e nos ensina muito pelo nosso curto caminho.

Referências bibliográficas:

DI CIOMMO, C. Regina. Ecofeminismo e Educação Ambiental. São Paulo, 1999

PULEO, Alicia. **Feminismo y Ecología**, ano. Disponível em: <http://www.cdd.emakumeak.org>
Acesso em 19 mar. 2015, 18:06